2
A OBJETIVIDADE POSSÍVEL

Antes de aprofundar o tema da tradução feminista, e o modo como ela influenciou a forma de se pensar e de se fazer a tradução não só no Canadá, como em muitos outros países, discutirei o contexto teórico em que as bases de tal movimento puderam se alicerçar. Para isso, apresentarei brevemente o percurso histórico do que ficou conhecido como relativismo, e a forma como essas ideias influenciaram o surgimento do desconstrutivismo. Finalmente, analisarei alguns conceitos sobre tradução – ou conceitos a ela relacionados – desenvolvidos pelo filósofo argelino Jacques Derrida (1930-2004).

A decisão de tomar como base parte da obra de Derrida para discutir o impacto do desconstrutivismo deriva do fato de ter sido ele o criador do termo que batizou o movimento desconstrutivista, e que influenciou de forma tão definitiva o pensamento acadêmico ocidental. É certo que muitos outros autores contribuíram proficuamente para o desenvolvimento do tema. Entretanto pode-se argumentar que o hermetismo da escrita derridiana torna por vezes difícil entender com maior precisão as ideias pós-estruturalistas que ele propunha. Dessa imprecisão deriva o mito de que tal filosofia levaria a aceitação de um relaxamento do compromisso com o rigor dos significados, o que obviamente implicaria em graves consequências para a forma de se pensar a tradução. Buscarei indicar que ainda que o autor reconhecesse a impossibilidade da correspondência perfeita entre palavras/textos de diferentes idiomas, isso não o levava a defender qualquer coisa contrária a melhor das correspondências possíveis. Para isso, explorarei brevemente outros aspectos do conflito subjetividade *vs.* objetividade.

A história do pensamento relativista remonta a mais de 2.500 anos e, portanto, apresentá-la resumidamente, de modo a embasar a reflexão teórica deste trabalho, é certamente um grande desafio[1]. Uma das dificuldades em apresentar o relativismo de forma sintetizada é a multiplicidade de correntes que o compõe. Na verdade, pode-se dizer que ele define-se mais pelo que rejeita (absolutismo, universalismo e monismo) do que pelo que defende. Basicamente, os diferentes tipos de relativismo "invitent à

[1] Neste trabalho, a trajetória das ideias relativistas é apresentada de forma extremamente resumida. Para uma análise detalhada do tema ver: BAGHRAMIAN, 2010

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512042/CA

discerner l'universel sous le singulier et à dépasser la vision binaire qui veut que l'on doive privilégier l'un des termes aux dépens de l'autre". (BOUDON, 2008, p.122) Quatro principais correntes têm influenciado de forma mais marcante as discussões acadêmicas das últimas décadas: o relativismo cultural, o relativismo conceitual, o construtivismo social e o pós-modernismo. Esta última será mais detalhadamente apresentada, devido ao recorte teórico proposto neste trabalho[2].

Ao longo do século V a.C., com o contato dos gregos com a diversidade cultural da Índia e da Pérsia, começou-se a desenvolver o entendimento de que hábitos, crenças e costumes podiam variar imensamente de um local para o outro. Heródoto afirma que se fosse pedido aos povos que nomeassem as melhores leis dentre os diferentes povos, todos escolheriam suas próprias. Protágoras, por sua vez, foi o primeiro grande arauto do relativismo[3]. "O homem é a medida de todas as coisas", afirma PROTÁGORAS (*apud* MARCONDES (1997) 2001, p.43, frase esta tão recorrentemente citada em textos sobre o tema. Platão exemplifica tal pensamento com a imagem do vento, que pode parecer frio para uma pessoa, e quente para outra. "Each thing appears [*phainesthai*] to me, so it is for me, and as it appears to you, so it is for you – you and I being a man", coloca PLATÃO (*apud* BAGHRAMIAN, 2010 p.33). A verdade dependeria do ponto de vista, ou de um referencial teórico e, por isso, seria relativa. Desse modo, um indivíduo ou um povo não poderiam afirmar possuir um conhecimento *superior*.

O mais proeminente porta-voz do relativismo na Idade Moderna foi Michel de Montaigne. Além de retomar o raciocínio elaborado por seus predecessores, o filósofo lança mão das descobertas científicas da época, com as novas propostas heliocêntricas de Copérnico, para argumentar que não é possível decidir definitivamente entre teorias científicas conflitantes. Montaigne defende também a ideia – inovadora para a época, ainda que disseminada na antropologia moderna – de que não há uma verdade universal para as normas sociais. Ou seja, afirma que os costumes variam de uma cultura para a outra:

> Une nation regarde un sujet par un visage (...) ; l'autre par un autre (...) Il n'est rien si horrible à imaginer que de manger son père. Les peuples qui avaient

[2] Para mais informações sobre essas diferentes correntes, ver: KRAUSZ, Michael. "Mapping Relativisms" (2010, p.13 a 30)

[3] Utilizo, aqui, o termo em seu sentido amplo, já que apenas em meados do século XIX que a palavra começou a ser utilizada em sentido estrito, ou seja, de modo a nomear todo um conjunto de propostas teóricas de algum modo alinhadas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512042/CA

> anciennement cette coutume, la prenaient toutefois pour témoignage de piété et de bonne affection, cherchant par là à donner à leurs progéniteurs la plus digne et honorable sépulture, logeant en eux-mêmes et comme en leurs moelles les corps de leurs pères et leurs reliques. (...) Il est aisé à considérer quelle cruauté et abomination c'eût été, à des hommes abreuvés et imbus de cette superstition, de jeter la dépouille des parents à la corruption de la terre et nourriture des bêtes et des vers. (MONTAIGNE *apud* BOUDON, 2008, p.8)

A retomada dessa linha de pensamento foi também motivada, mais uma vez, por uma intensificação no contato com povos e culturas distintos, levando a um questionamento das pretensões universalistas. Montaigne argumenta que, uma vez observada tamanha diversidade moral, jurídica, religiosa, etc., a única conclusão possível é a de que a ética deve ser interpretada com base em princípios relativistas. Ao escrever sobre os recém-descobertos povos canibais declara, como visto, que eles não são bárbaros ou selvagens, e sim que "every man calls barbarous anything he is not accustomed to; it is indeed the case that we have no other criterion of truth or right-reason than the example and form of the opinion and customs of our own country." (MONTAIGNE *apud* BAGHRAMIAN, 2010 p.37)

É interessante observar que a origem do relativismo, em sua forma atual, remonta também à obra de autores críticos ao Iluminismo. Teóricos como Giambatista Vico, Johann Georg Hamann e Wilhelm von Humboldt introduziram o conceito de que as culturas só poderiam ser entendidas dentro de seus contextos históricos. Hamann surge como um teórico especialmente interessante no âmbito desta pesquisa. Ele foi um pioneiro do relativismo pós-moderno não apenas pela negação de que haveria algum modo de ordem objetiva da qual todo os valores e todo o conhecimento seriam derivados, como também devido a suas ideias sobre linguagem. Para Hamann, a língua seria "'instrument and criterion of reason' and the source of all confusions and fallacies of reason". (BAGHRAMIAN, 2010 p.38) Para ele, a racionalidade estaria alicerçada na língua que, por sua vez, seria sustentada apenas no costume, na tradição e no uso. Para Humboldt, por sua vez, o esquema conceitual que utilizamos para pensar o mundo existiria somente em decorrência da língua; e a língua seria, sobretudo, a manifestação do espírito de um povo.

O filosofo austríaco Paul Feyeraband retomou a ideia de que diferentes sociedades definem comportamentos aceitáveis e inaceitáveis com base em seus próprios critérios. Ainda que esse conceito não fosse uma proposta inovadora, Feyeraband vai além e introduz a ideia de que o privilégio a um arcabouço teórico de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512042/CA

uma cultura (e, portanto, sua concepção de verdade, racionalidade, conhecimento, etc.) em detrimento de outro "runs the risk of *imposing a repressive worldview* on members of other cultural grouping who do not share the same assumption or intellectual framework" (BAGHRAMIAN, p.42. Ênfase minha).

O filósofo americano Donald Davidson, por sua vez, considerava o relativismo uma doutrina vazia, já que a ideia de que haveria estruturas teóricas distintas e incompatíveis estaria necessariamente ligada à hipótese de uma intraduzibilidade entre as línguas. Para Davidson, entretanto, essa intraduzibilidade não se verificaria, já que o próprio reconhecimento de uma língua (ou de uma estrutura teórica) como tal dependeria da nossa capacidade de fazê-la inteligível, ou seja, "we count something as a language (...) *only if it translates into ours*". (*Ibidem*. Ênfase minha). Para ele, essa suposta diferença essencial entre as diversas concepções teóricas – e, consequentemente, a intraduzibilidade – seria uma falácia, já que "a paradigm or conceptual scheme radically different from ours will necessarily turn out to be very much like our own." (*Ibidem*)

Nietzsche, que influenciou de forma definitiva as teorias pós-modernas, radicaliza o conceito kantiano da impossibilidade de um contato direto com o mundo numenal ao rejeitar qualquer distinção entre a *coisa em si* e a sensibilidade humana. "All reports of so-called facts are statements of interpretation and could always be supplemented or replaced by other interpretations." (BAGHRAMIAN, 2010, p.45) A língua, por sua vez, não seria somente um meio de descrever o mundo, seria a própria estrutura a partir da qual organizaríamos todos os nossos conceitos, interpretações e descrições. Além de limitadas a um, e apenas um ponto de vista, nossa percepção do mundo seria inexoravelmente influenciada por nossos próprios valores e desejos. Para o filósofo alemão, nas palavras de Baghramian,

> [w]e cannot appeal to any facts or standards of evaluation independent of their relation to the perspectives we have; we can do little more than insist on the legitimacy of our own perspective and try to impose it on other people. (...) Nietzsche's influence is evident in the postmodernist movement's questioning of the very possibility of objective norms, truth, reason and justification. (*Ibidem*)

Foucault é um claro exemplo da forma como as propostas nietzschianas influenciaram o pensamento pós-moderno. Isso pode ser notado na ideia por ele avançada de que relações de poder estariam por trás da disputa entre a proeminência de verdades e visões de mundo distintas. Mais relevante para a discussão deste

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512042/CA

trabalho, porém, é a forma como as ideias relativistas influenciaram o teórico desconstrutivista Jaques Derrida.

A obra de Derrida lançou mão das ideias construtivistas de Saussure para propor ideias inovadoras na área da linguística. O neologismo "*différance*" – criado por Derrida – foi inspirado nos conceitos estruturalistas de Saussure. No início do século XX, o linguista genebrino havia proposto o conceito da diferença para demonstrar que o valor do signo linguístico é definido apenas em oposição ao valor de outros signos:

> [A] parte conceitual do valor é constituída unicamente por relações e diferenças com outros termos da língua, pode-se dizer o mesmo de sua parte material. (...) *[N]a língua só existem diferenças.* (...) O que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos do que existe ao redor dele nos outros signos. A prova disso é que o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido modificação (SAUSSURE, (1916) 1999, p.136-137/139. Ênfase no original.)

Sendo o significado estabelecido somente a partir da oposição com outros termos da língua, entende-se que ele não é absoluto. E como o significado é consequência da língua (ou seja, não a antecede), não é possível conceber uma transferência exata, perfeita e incontestável de significados de uma língua para outra. Ou, como coloca a americana Kathleen DAVIS (2001, p.15):

> *All language*, in order to be language, generates meaning through this systemic movement, or play of differences. (...) Pursuing meaning is not a matter of "revealing" some hidden presence that is already "there", rather, it is relentless tracking through an always moving play of differences. (Ênfase no original)

A consciência da instabilidade do signo linguístico fez mais uma vez ressurgir o debate sobre a intraduzibilidade entre as línguas. O entendimento de que as verdades não são absolutas foi essencial para redimensionar as certezas limitadoras que assolaram as ciências positivistas. Entretanto, a pós-modernidade, frustrada com a incapacidade do acesso ao conhecimento absoluto, pareceu certas vezes rejeitar a base filosófica iluminista que, apesar de limitada, fundamentou boa parte dos grandes avanços tecnológicos dos últimos séculos. O discurso de rejeição ao método científico parece por vezes ignorar que mesmo os teóricos que supõem a existência de *uma*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512042/CA

verdade unificada por detrás das construções humanas acerca da "verdade[4]" não pretendem que o conhecimento científico seja um arcabouço intocável de ideias inquestionáveis. Mesmo a mais positivista das ciências entende que, no limite, ela representa nada mais do que o "melhor até o momento", e está sempre aberta a questionamentos e reviravoltas. Como coloca o filósofo britânico Roger Scruton:

> The Enlightenment made explicit what had long been implicit in the intellectual life of Europe: the belief that rational inquiry leads to objective truth (...). Even those Enlightenment thinkers who distrusted reason, like Hume, and those who tried to circumscribe its powers, like Kant, never relinquished their confidence in rational argument. [...] For the ensuing 200 years, reason retained its position as the arbiter of truth and the foundations of objective knowledge. [But] reason is now on retreat, both as an ideal and as a reality. (SCRUTON (1999) *apud* WHEEN, 2004, 226 loc.)

Rosemary Arrojo, por exemplo, baseia-se no pensamento de Nietzsche para sustentar que qualquer concepção de "verdade" é um instrumento meramente político e forjado, com o propósito único de proporcionar ao ser humano uma sensação de segurança nesse mundo que, é certo, nunca será completamente desvendado:

> Assim, de acordo com a perspectiva aberta por Nietzsche, o homem não é um descobridor de "verdades" originais ou externas ao seu desejo, mas um criador de significados que se plasmam através das convenções que nos organizam em comunidades. E o impulso que leva o homem a buscar a "verdade", a fazer ciência e a formular teorias, segundo Nietzsche, não passa de uma dissimulação de seu desejo de poder, consequência de seu instinto de sobrevivência e de sua insegurança enquanto habitante de um mundo que mal conhece e que precisa dominar. *O homem inventa "verdades" que tenta impor como tal a seus semelhantes para se proteger de outros homens e de outras "verdades", e para sentir que controla um mundo do qual pode apenas saber muito pouco*. (ARROJO, (1986) 1993, p.18. Ênfase minha.)

O reconhecimento da subjetividade e da precariedade do nosso acesso ao mundo nos permite olhar com uma desconfiança saudável o conhecimento que produzimos. Porém, como afirmaram MARTINS & FROTA (2007, p.2), "[a] consciência do caráter arbitrário das nossas distinções não é um passaporte para sua suspensão." Uma vez rejeitada a hipótese da intraduzibilidade entre as línguas, cabe a nós questionar: de que forma essa "traduzibilidade" deve se efetuar? Será que a consciência da volatilidade do signo pode levar a um entendimento de que um rigor na busca de uma correspondência entre os diferentes sistemas linguísticos é

[4] Em oposição aos teóricos que pressupõem que não há verdades, apenas construções.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512042/CA

desnecessário e, no limite, inútil? Será que a consciência de que a validade de uma narrativa depende de inúmeros aspectos contextuais pode nos levar a entender como válida qualquer narrativa? Ou será que devemos, ao contrário, propor que é justamente dessa instabilidade simbólica que emerge o enorme compromisso do tradutor com a transposição de significados? Para DAVIS: "the intrinsic possibility that a message always may not arrive intensifies the need to read as carefully as possible" (2001, p.57).

Para o filósofo americano Nelson Goodman, apesar de não haver uma distinção clara entre o que são fatos e o que são convenções, essa distinção ainda assim é de extrema importância. Para ilustrar esse ponto, ele inicialmente destaca as duas conotações quase antagônicas do termo "convenção". Se, por um lado, consideramos convencional aquilo que é comum e tradicional; por outro, sobretudo em discussões teóricas, convencional pode também significar aquilo que é inventado e artificial. Em seguida, Goodman ilustra como podemos entender a convenção como algo oposto ao conteúdo, ao elaborar a resposta à seguinte pergunta: a lua está ou não em rotação?

> The moon rotates in that its orientation to the sun changes in a certain regular way, but it is fixed on its axis in that its orientation to the earth never changes. Does it rotate or not, then? Well, Yes and No. (...) To say that the moon rotates relative to the sun is entirely compatible with saying that the sun revolves about a fixed moon. And to say that the moon does not rotate relative to the earth is entirely compatible with the earth's revolving about a rotating moon, as well as saying that both earth and moon remain at rest. (...) 'Does the moon rotate or nor?' is answered by 'That depends upon what we take as frame of reference. It depends upon what we do; we *make* the moon rotate or stand still. Motion is optional, a matter of convention, of fabrication imposed upon what we find. (...) <u>All facts tend to evaporate into convention, all nature into artifice</u>. (GOODMAN, 1989 (2010), p.81. Itálico no original. Sublinhado por mim)

Com isso, Goodman busca demonstrar que as duas versões constituem "versões do mesmo fato" no sentido que possuem alguns termos em comum, trabalham com conceitos relacionados, e podem ser traduzidas entre si. Ainda assim, "[all] convention depends on fact, and all fact is convention." (*Ibidem*, p.82). A aparente contradição entre as diferentes versões é, na verdade, um equívoco, já que a "verdade" só pode ser determinada a partir de um arranjo específico e pré-definido. Goodman recorre ainda ao exemplo dos sucessores e predecessores imediatos dos números inteiros. Todos os números inteiros são sucessores imediatos (SI) e predecessores imediatos (PI) de outros números inteiros. Ainda assim, um número específico – 5, por exemplo –, terá apenas um SI (6) e um PI (4). Isso não impede

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512042/CA

que, ao mesmo tempo, 4 seja o SI de 3. Do mesmo modo, dizer que um corpo está parado e, ao mesmo tempo, está em movimento, é certamente possível. Mas ainda assim seria contraditório afirmar que um corpo está em movimento em relação à terra, ao mesmo tempo em que está estacionário em relação à terra.

> Where does this leave us? If everything is the way it is taken to be, and anything can be correctly taken in all sorts of opposing ways, are we condemned to chaos? No. (...) Although nothing is absolutely fixed or moving and although whether is fixed or how it moves depends upon how it is taken, that in turn depends upon context, circumstances, *purpose*. (*Ibidem*, p.84. Ênfase minha).

Desse modo, ao adotarmos um ponto de vista e tomarmos como fixa alguma parte da equação, transformamos um termo relacional em um termo categórico. A escolha de qual elemento será tomado como fixo depende do *propósito*, depende do modo como precisamos que essa ficção, moldada em fatos, torne-se útil. E isso é extremamente contextual. Por exemplo, ao aplicar uma multa de trânsito por excesso de velocidade, o guarda irá considerar a velocidade do carro em relação à via, ainda que o carro esteja a apenas 10km/hora em relação ao carro que acaba de ultrapassar. A escolha de um ponto de vista deve considerar critérios tais como "simplicity, convenience, suitability to context, efficacy for a purpose, and accessibility by those we must communicate with." (*Ibidem*, p.85) Como exemplifica o filósofo, "[t]aking the tip of a fly's wing as fixed in describing the motion of the bodies in the solar system would presumably fail on all these counts." (*Ibidem*). Portanto, justamente por ser "possible de déterminer à partir de raisons solides si l'on doit préférer une théorie à une autre que certaines théories disparaissent irréversiblement au profit de théories jugées préférables au vu de critères bien définis et variables d'un cas à l'autre. (BOUDON, 2008, p.33)

Vemos, desse modo, que ainda que a fronteira entre fatos e convenções seja instável, ela ainda assim é de extrema importância e, de modo algum, fortuita. Goodman conclui:

> when a convention (as option) becomes a convention (as the usual), it thus tends to become factual; and (..) rather that the facts determining how we take them, how we take them determines the facts – but (...) we had better be careful how we take them. (GOODMAN, 1989, p.85)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512042/CA

As teorias relativistas, e sua manifestação mais recente, o desconstrutivismo, influenciaram profundamente a forma de se pensar a tradução na pós-modernidade. A distinção entre o convencional e o factual foi também muitas vezes discutida no âmbito dessa área de conhecimento. Alguns teóricos passaram a defender a impossibilidade de uma avaliação qualitativa e objetiva da tradução. Como aferir a correção de um ofício cuja matéria prima – o signo – alicerça-se em terrenos tão pantanosos? Deveríamos passar a entender que toda tradução é válida, já que o texto é um objeto instável, e já que a definição do que é correto e verdadeiro depende invariavelmente do cristal com que se mira?

Ao discutir essa questão, Paulo Henriques Britto argumenta que não podemos equiparar a incerteza absoluta com a ausência de certeza absoluta. Utiliza como exemplo para tal argumento a imprecisão das estimativas populacionais: ainda que não possamos dizer o número exato de pessoas que habitam uma cidade, uma estimativa muito próxima pode ser feita. E essa estimativa já se presta como base para elaboração de políticas públicas, ou para fins diversos. Ou seja, trata-se de definir uma *ficção útil* para o *objetivo pretendido* com aquele determinado recorte.

O autor argumenta que "o tradutor deve pressupor que o texto tem um sentido específico" e "deve produzir um texto que possa ser lido como a mesma coisa" (BRITTO, 2012, p.28). Apenas desse modo estaria jogando o "jogo da tradução" proposto nos termos de Wittgenstein[5]. Assim, e somente assim, o leitor poderia dizer que leu de fato aquele texto específico, ainda que não no idioma original. Seguir esse conjunto de regras, e ter como base as premissas mencionadas significa portanto "jogar o jogo da tradução". "Não se trata, pois, de pensar o sentido dentro de uma visão essencialista; trata-se simplesmente de *respeitar as convenções do que se entende por tradução, na sociedade e no tempo em que vivemos*" (*Ibidem*, p.29). O autor afirma ainda que:

> O fato de sermos obrigados a relativizar a possibilidade de *atingir* uma meta não implica que devamos *negar* a possibilidade de se *adotar* essa meta. (...) [O] fato de que uma meta é inatingível em termos absolutos não a invalida enquanto meta. Essa ideia fundamenta-se na constatação de que relativizar não é a mesma coisa que negar. (*Ibidem*, p.30/32).

[5] Para mais informações ver: WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas.* Trad. de J. C. Bruni S. Paulo: Abril Cultural. 1975.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512042/CA

Esse ponto aproxima-se do pensamento de Derrida, elaborado em seu texto "O que é uma tradução relevante?". A obra, publicada em 1999, baseia-se em um seminário apresentado pelo filósofo no ano anterior, no *Assises de la Traduction Littéraire à Arles* (ATLAS). Utilizando como pano de fundo a peça "O mercador de Veneza", de Shakespeare, o autor tenta explicar o que torna a tradução ao mesmo tempo necessária e impossível[6]. Ao definir o conceito de relevância, DERRIDA (1999, p.17) afirma:

> O que é dito "*relevant*", na maior parte das vezes? Aquilo que parece mais certo, pertinente, a propósito, bem-vindo, apropriado, oportuno, justificado, bem afinado ou ajustado, surgindo de forma adequada lá onde é esperado – correspondendo, como deve ser, ao objeto ao qual se referem o gesto dito relevante (...). Uma tradução relevante seria, portanto, simplesmente, uma "boa" tradução, uma tradução que faz tudo o que dela se espera, (...) inscrevendo na língua de chegada o equivalente mais *"relevant"* de um original, a linguagem *a mais* precisa, apropriada, pertinente, adequada, oportuna, penetrante, unívoca, idiomática etc.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512042/CA

Vemos nesse excerto uma veemente defesa da avaliação qualitativa da tradução. Se há uma "boa" tradução, é porque há uma tradução ruim. Se há uma tradução "relevante", é porque há outras não relevantes. Apesar de não propor novas diretrizes prescritivas sobre como uma tradução deve ser feita, o filósofo demonstra nitidamente prezar por algum tipo de precisão, e permite-se hierarquizar traduções como mais ou menos relevantes.

Na tentativa de demonstrar o que seria uma tradução relevante, Derrida lança mão do conceito da *economia*. O tradutor poderia valer-se de diversas páginas para explicar os múltiplos efeitos semânticos, sonoros, ou métricos de uma única frase, sentindo-se assim mais perto do objetivo de elaborar uma tradução "precisa" e "adequada". Entretanto, esse viés não atenderia o princípio quantitativo. "A translation that is the *most* right in terms of property must be different from one *most right* in terms of quantity. (...) [R]endering adequate contextual effects require attention to the rule of 'property', doing so at minimal processing cost follows the rule of 'quantity'" (DAVIS, 2001, p.100). Ou, como coloca DERRIDA (1999, p.19/20):

> Se é dado a alguém competente um livro inteiro, cheio de *"translator's notes",*

[6] "[N]ão creio que nada seja sempre intraduzível – nem traduzível, aliás. Como podemos ousar dizer que nada é traduzível, tanto quanto nada é intraduzível?" (DERRIDA, 1999, p.19)

> para explicar tudo o que pode querer dizer, na sua forma, uma frase de duas ou três palavras (...) [n]ão há nenhuma razão, em princípio, para que ele fracasse em apresentar, sem resto, as intenções, o querer-dizer, as denotações, conotações e sobre determinações semânticas, os jogos formais daquilo que chamamos de original. (...) é preciso que, fora de toda paráfrase, explicação, explicitação, análise etc., a tradução seja *quantitativamente* equivalente ao original.

A adequação e a economia podem ser entendidas como os dois pratos de uma balança, em constante tensão. O julgamento sobre o ponto em que o ponteiro encontrará o fiel da balança exige um posicionamento do tradutor, uma tomada de decisão. A gravidade dessa decisão deriva não só da busca em torná-la "a mais precisa, apropriada, pertinente, adequada, oportuna, penetrante, unívoca, idiomática", como também do fato dela não poder ser pré-determinada, ou feita por meio do cálculo. "A decision that didn't go through the ordeal of the undecidable would not be a free decision, it would only be the programmable application or unfolding of a calculable process." (DERRIDA, 1990, p.24 *apud* DAVIS, p.94). Por isso, a tradução relevante só se faz possível quando executada com base no processo decisório do tradutor. A inexistência de opções corretas e pré-definidas é justamente o que torna a tradução basicamente o ofício da escolha. Onde não há opções, não há escolha. E por ter que negociar entre extremos inconciliáveis, o ofício do tradutor é invariavelmente permeado pela ética.

> Only when faced with an impossible decision – one for which a pre-existing 'right' decision choice is not presented – do we decide. (...) *A relevant translation cannot precede decision, but must emerge through it.* The decisions made in an effort to negotiate the inherent contradiction of optimal relevance perform an ethical relation. (DAVIS, 2001, p.1/100. Ênfase minha).

Uma tradução relevante, portanto, não apenas refletiria os padrões já estabelecidos – ainda que necessariamente deva recorrer a eles. Para Derrida, tais leis, normas e convenções pré-existentes constituem barreiras de proteção da estrada (*guard-rails*), mas uma tradução que apenas respeite essas barreiras seria uma tradução programática e não acarretaria em uma tomada de responsabilidade na forma aqui descrita (DAVIS, 2001. p.105).

O entendimento de que a "melhor correspondência possível" entre duas línguas deve ser buscada, apesar da impossibilidade de uma correspondência perfeita,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512042/CA

é expresso também BERMAN[7], na conclusão de seu livro *L'Épreuve de L'étranger* (1984, p.303):

> Pour toute langue, on peut postuler une correspondance rigoureuse avec une autre langue, mais à un niveau *virtuel*. Développer ces potentialités (qui varient de langue à langue), telle est la tâche de la traduction, *qui progresse donc vers la découverte de la « parenté » des langues*. Cette tache ne saurait être simplement artistique; elle suppose une connaissance étendue de tout l'espace diachronique et synchronique de la langue d'arrivée. (Ênfase no original)

A percepção de que a tomada de decisão no processo tradutório é permeada por escolhas éticas levou a problematização sobre qual seria a ética predominante das tradicionais teorias prescritivas da tradução e, consequentemente, ao surgimento de novas éticas[8]. Ainda que o desconstrutivismo não tenha tomado traços prescritivos, algumas das novas éticas que surgiram passaram a sugerir que determinadas formas de se traduzir seriam politicamente ou ideologicamente mais adequadas do que outras. Neste trabalho, a ética da tradução feminista foi escolhida como exemplo para demonstrar o contexto no qual as novas formas de traduzir se desenvolveram, a forma como isso ocorreu, e o modo como influenciou a forma de se pensar e de se fazer tradução em diversos países. As novas éticas e suas implicações serão exploradas mais demoradamente nos próximos capítulos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512042/CA

[7] O pensamento de Berman será mais demoradamente analisado no capítulo 4.
[8] Esse ponto será abordado de forma mais profunda no capítulo 4.